



Partilhando vivências, construindo redes: mulheres e agroecologia uma conexão profunda.

A agroecologia enquanto ciência, prática e movimento tem um grande potencial para contribuir na luta e na defesa por uma sociedade mais justa e igualitária. Entretanto, é importante refletirmos: quais são as divergências e convergências existentes hoje entre os feminismos e a agroecologia? Até onde conseguimos avançar e quais desafios ainda temos pela frente?

Para aprofundar essa reflexão, nós, do Grupo de Trabalho de Mulheres da Associação Brasileira de Agroecologia (GT Mulheres da ABA), realizamos nos dias 04 e 05 de março deste ano o evento intitulado “Convergências e Divergências: Mulheres, Feminismos e Agroecologia”. O encontro virtual fez parte das ações da Jornada das Lutas de Março de 2021 e teve como objetivo promover um ciclo de debates para compreender, de forma interdisciplinar, a atuação das mulheres nos diversos espaços, observando como as crises atuais, somadas à pandemia provocada pela COVID-19, impactam direta e indiretamente as suas vidas.

Dividido em quatro conversatórios, o evento trouxe para o debate os temas: Movimentos sociais e a luta das mulheres rurais; Avanços e retrocessos na construção da agroecologia feminista e antirracista; Soberania alimentar, mulheres e a comida de verdade; e Mulheres e as tecnologias na agroecologia. Participaram pesquisadoras, estudantes, professoras, agricultoras camponesas, lideranças indígenas e militantes que atuam no Brasil e na América Latina e Caribe. Mulheres que constroem a agroecologia juntas com outras tantas mulheres nos lugares e territórios em que atuam, mulheres que têm lutas comuns e lutas distintas. O evento também tornou pública a chamada para pesquisadoras do Brasil e do exterior enviarem ensaios inéditos problematizando as questões debatidas nos quatro

encontros. A proposta lançada visava reunir textos construídos a partir da temática feminista e da discussão interseccional de raça/etnia, gênero e classe na agroecologia que pudessem refletir novas formas de pesquisar e produzir conhecimentos.

É com grande satisfação que apresentamos nesta edição do Cadernos de Agroecologia (ISSN:2236-7934) o resultado de todo este processo. Para esta publicação foram selecionados 55 textos escritos por pesquisadoras e pesquisadores de todas as regiões do Brasil e de alguns países da América Latina. Todas as pesquisas, experiências e reflexões aqui reunidas reforçam a intenção do GT Mulheres da ABA de aprofundar as convergências entre as múltiplas mulheres que constroem a agroecologia. Os ensaios que ora lançamos também nos convidam a refletir sobre como precisamos avançar nos debates e pesquisas com o tema da interseccionalidade, assim como nas práticas feministas e antirracistas no campo agroecológico e na sociedade de um modo geral.

Nos últimos meses, a pandemia do novo Coronavírus explicitou um problema estrutural que vivenciamos há muito tempo: as desigualdades sociais afetam principalmente as mulheres e as pessoas negras e pobres. Essas desigualdades se sobrepõem e se intensificam e, portanto (e não “apenas” por esse motivo!), além de gênero, é fundamental debatermos também sobre raça e classe. Quem são as mulheres na construção da Agroecologia? Em um contexto onde tantas vezes é negado às mulheres o direito de terem protagonismo e de fazerem parte da memória e da história dos processos dos quais participam, debater sobre feminismos e agroecologia se mostra muito mais profundo do que já imaginávamos.

Dentro da ABA, o GT Mulheres é um espaço estratégico para visibilização e valorização do trabalho e atuação das mulheres, e, a partir dos lemas “Sem Feminismo não há Agroecologia” e “Se tem Racismo não tem Agroecologia”, vem construindo uma trajetória de lutas, parcerias, conquistas e afetos. Este ano o GT celebra 10 anos de atuação, são 10 anos trilhando os caminhos do feminismo, agregando, desde o início, mulheres de todo o país, e articulando-se com outros grupos para avançar nas lutas contra o patriarcado, contra as opressões de gênero e contra o racismo.

Destacamos o quanto é fundamental avançarmos nos diálogos, nas trocas, na escuta ativa e na valorização dos saberes populares e das vozes das mulheres rurais, pretas, jovens, indígenas, quilombolas, porque acreditamos na construção coletiva do conhecimento. Assim como também acreditamos na força da articulação em rede que nos possibilita a realização de eventos e publicações como estas, alcançando pessoas no Brasil e na América Latina e Caribe.

Nesse sentido, agradecemos às companheiras do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), da Sempreviva Organização Feminista (SOF), do Núcleo de Estudos Jurema (UFRPE), do GT de Mulheres da Articulação Nacional da Agroecologia (ANA), da Alianza de Mujeres en Agroecología (AMA-AWA), entre tantas outras, e especialmente às mulheres da ABA que, valorizando a sua pluralidade, constroem e fortalecem a agroecologia a partir da luta por uma outra ciência.

Esta publicação representa uma das nossas contribuições para visibilizar as mulheres da Agroecologia e para promover reflexões sobre a mudança estrutural que a nossa sociedade necessita. Desejamos que este conteúdo alcance muitas outras pessoas, não apenas na Academia como também nos movimentos sociais, grupos, coletivos e organizações. Apesar dos inúmeros desafios, essas mulheres, plurais, diversas e com suas especificidades, existem, resistem e se fortalecem enquanto sujeitos políticos. Viva as mulheres da Agroecologia! Boa leitura a todas e todos!

Comissão Editorial.